

A história e a memória do século 20 recontada pela A Vida dos Sons

Izani Mustafá¹

Doutoranda em Comunicação Social na PUCRS

RESUMO

O presente artigo faz uma breve apresentação do programa de memórias **A Vida dos Sons**, produzido e transmitido pela Antena 1, uma das emissoras públicas da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 2013, aos sábados, às 9 horas. O programa radiofônico reconstitui a história do século 20 utilizando as diversas e diferentes entrevistas, depoimentos, discursos, notícias e informações veiculadas em determinados períodos, de 1920 a 1972, e destaca fatos políticos, econômicos, sociais, históricos e culturais que marcaram a sociedade moderna. Para esta pesquisa, foram escolhidos quatro episódios, de 1930, de 1937, de 1945 e de 1964, porque narram, momentos significativos ocorridos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Rádio Pública; Memória; Jornalismo; História.

A importância das fontes orais para a memória e a comunicação

Uma entrevista gravada ou as fontes orais para uma pesquisa científica podem formar um importante acervo de memórias para um contexto histórico e para a comunicação, quando forem bem utilizados. Em 2013, quando eu estava fazendo o doutorado-sanduíche em Coimbra (Portugal), um jornalista português e com cidadania brasileira, me apresentou o programa **A Vida dos Sons**, irradiado pela Antena 1, uma das emissoras da Rádio e Televisão de Portugal, aos sábados pela manhã, às 9 horas, com aproximadamente 50 minutos. Na vinheta de abertura, com sons de diferentes momentos marcantes do século 20 e com duração em torno de três minutos, destacava-se a frase: “A Memória é a consciência inserida no tempo”, Fernando Pessoa. Logo pensei que neste caso a frase poderia ser muito bem adaptada para “a memória é a história inserida no tempo”, já que cabe ao jornalista, quando está produzindo matérias no dia-a-dia, a tarefa de preservar, com a escrita ou por meio de áudio, de vídeo ou de fotografia, um fragmento de um momento marcante ou um caso para oferecê-la ao leitor, ouvinte, telespectador ou

¹Jornalista (UFSM), mestre em História do Tempo Presente (UDESC) e doutoranda em Comunicação Social (PUC/RS), turma de 2011. É professora de rádio na faculdade de jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus Ielusc e assessora de comunicação política. Também integra o Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, do Grupo de Rádio e Meios Sonoros de Portugal e é pesquisadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC), da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa/PT). E-mail: izani@brturbo.com.br

internauta. Para Amado, a história oral permite a criação de um novo documento e estabelece uma “relação original entre o historiador e os sujeitos da história²”.

Retomando também a vinheta “testemunha ocular da história” do **Repórter Esso**, que ficou no ar de 28 de agosto de 1941 a 31 de dezembro de 1968 e era patrocinado pela Esso Brasileira de Petróleo, pode-se dizer que o encontro entre o jornalista e o seu entrevistado, assim como acontece entre o historiador e a sua fonte oral, pode gerar um vasto acervo, escrito, sonoro ou de imagens. E esse documento é, sem dúvida, fundamental para quem quer recontar um acontecimento. Também é importante e, quase sempre, necessário para ilustrar um tema, um radiojornalismo, um especial, um documentário, uma grande reportagem ou uma entrevista para o rádio com transmissões em ondas hertzianas ou pela internet, para a televisão, um jornal, uma revista e um site. Quando esse documento sonoro é usado para ilustrar uma apresentação radiofônica, o conteúdo ganha credibilidade e veracidade perante os ouvintes.

E não é por menos que a vinheta de passagem de **A Vida dos Sons** atraiu minha atenção. “Antena 1, Rádio com Memória” condiz com a proposta de apresentar e partilhar, em um total de 68 programas, cada um com um tempo de 50 minutos, o arquivo sonoro da RTP. A recriação de diversos momentos, relatados na série radiofônica, vai além de apresentar algumas experiências vivenciadas pela humanidade. A pesquisa histórica e a sistematização das sonoras são trabalhadas com seriedade e ética pela equipe responsável pela produção que nos fez viajar e, quando ouço novamente, nos faz viajar, literalmente, no tempo, no passado contemporâneo.

Pensando assim, concordo com Thompson de que as fontes orais presentes nesta série estão contribuindo para a “reconstrução mais realista do passado³”, uma realidade que geralmente é “complexa e multifacetada⁴”, mas que neste caso ganha amplitude porque recria uma narrativa noticiada, gerando assim algum tipo de consequência para a humanidade. Segundo ele, a história oral é um instrumento que pode e muito contribuir para tornar a narrativa “mais rica e mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira⁵”. Neste caso percebe-se que **A Vidas dos Sons** transforma os áudios digitalizados e organizados em sujeitos de um programa de memórias, permitindo aos que foram os atores

² AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 9

³ THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 25

⁴ Idem. p. 25

⁵ Idem. p. 137

daquele tempo, possam, agora, recontar a mesma vivência para outros ouvintes, outra sociedade.

Quando ouvi os primeiros **A Vida dos Sons**, tive certeza de que recontar um caso pelas ondas sonoras é fundamental para compreender um passado recente, considerando o contexto em que aquele acontecimento estava inserido e a partir do lugar onde hoje estamos para ouvir esse fato. Produzir um programa com memórias é permitir que o ouvinte compreenda como os “indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral⁶”. Ao ouvir os episódios em Portugal, rememorando acontecimentos brasileiros, tive a certeza de que por trás desta pesquisa sonora havia profissionais dispostos a construir uma história verídica com o rico acervo que existe na RTP.

A Rádio e Televisão de Portugal (RTP) e a Rádio Antena 1

A Rádio e Televisão de Portugal (RTP) começou a ser estruturada em 1974, logo depois da Revolução de 25 de Abril de 1974. A data é uma referência que marcou o início do serviço público no país. Pelo Decreto-Lei n.º 674-C/75, de 2 de dezembro de 1975, as estações foram legalizadas e entre elas está a Emissora Nacional, criada em 1º de agosto de 1935, dentro do Estado Novo, instalado pelo primeiro-ministro António de Oliveira Salazar, e a Rádio Clube Português, fundada em 1931 pelo capitão Botelho Moniz, que podia ser considerada privada. Com esse documento, as emissoras passaram a ser designadas de Empresa Pública de Radiodifusão (ERP). Um ano depois, em 1976, as estações nacionalizadas ganharam a designação de Radiodifusão Portuguesa (RDP), “cujos estatutos foram aprovados pelo Decreto-Lei n.º 274/76, de 12 de abril⁷”.

Com o Decreto-Lei de número 2/94, de 10 de janeiro, a RDP transformou-se em Sociedade Anônima de capitais exclusivamente públicos, e assim passou a ser designada por Radiodifusão Portuguesa, S. A.. Treze anos depois, a Lei de número 8/2007, de 14 de fevereiro, aprovou os novos Estatutos da Rádio e Televisão de Portugal.

A RTP reúne sete canais radiofônicos: Antenas 1, Antena 2 e Antena 3, RDP África, RDP Internacional, RDP Açores e RDP Madeira. A Constituição da República Portuguesa determina que o “Estado deve assegurar a existência de um serviço público de rádio e de

⁶ CPDOC – <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>, visitado em 17 de julho de 2014, às 15h40.

⁷ Gabinete para os Meios de Comunicação Social - <http://www.gmcs.pt>, visitado em 29 de novembro de 2013, às 14 horas.

televisão independente do Governo e de outros poderes⁸”. A Constituição portuguesa reconhece que os meios de comunicação que desempenham uma relevante função social devem ser socialmente úteis e trabalhar com liberdade e com responsabilidade. O documento também rejeita “qualquer forma de censura ou manipulação de informação e a tão-só sujeição dos órgãos e agentes da comunicação social ao regime de legalidade democrática que rege a sua actividade⁹”.

O Contrato de Concessão de Serviço Público de Radiodifusão Sonora, assinado em 1999, entre a ainda RDP e o Governo, observou que a radiodifusão sonora é um dos meios para oferecer cultura para muitos e considerou o bem cultural como uma propriedade de primeira necessidade. E esse bem cultural, portanto, deveria ser inseparável da democracia.

A missão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora em Portugal contém sete itens. Um deles diz que a emissora deve garantir o pluralismo, o rigor e a imparcialidade da informação. Outro salienta que uma estação deve divulgar a criação artística nacional e o conhecimento do patrimônio histórico e cultural do país.

De acordo com a estrutura de serviço público estabelecido, até o final de 2013, a RTP estava organizada dentro de um modelo com três tipos de financiamentos. Um delas e o mais importante é a subvenção do Estado para uma empresa com capitais públicos. A outra fonte é a publicidade, válida para as emissoras de rádio e televisão e não para a Antena 1. A terceira é a cobrança da taxa de audiovisual. Todos os portugueses pagavam, no ano passado, 2 euros e 38 cents por mês, correspondente atualmente a R\$ 7,19. O valor é descontado na conta de energia elétrica de cada consumidor.

De acordo com o Gabinete para os Meios de Comunicação Social¹⁰, a cobertura da Antena 1 é nacional porque tem uma programação generalista de serviço público com entretenimento, notícias, entrevistas, esporte e música.

A Vida dos Sons reúne diversas memórias

A Vida dos Sons é um programa semanal que foi ao ar aos sábados, um pouco depois do noticiário, às 9 horas, pela primeira em 12 de fevereiro de 2011, na Antena 1, pertencente à RTP. Produzido por Ana Aranha e Iolanda Ferreira, deu visibilidade ao

⁸ BONIXE, Luís. **A auto-regulação no Serviço Público de Rádio Português – o caso do provedor do ouvinte**. Artigo apresentado no GT Rádio e Meios Sonoros do 8º Congresso SOPCOM 2013, em Lisboa (PT). p. 3

⁹ **Programa do I Governo Constitucional**.

¹⁰ **GMCS** - http://www.gmcs.pt/_gmcs2008/index.php?op=cont&cid=78&sid=329, visitado em 16 de maio de 2014, às 15h15

arquivo sonoro da emissora. A série contém 68 episódios, que abrange desde os anos de 1920 até 1972. Foi reprisado em 2013, oportunidade em que pude ouvir, em ondas hertzianas, a transmissão de várias edições.

Cada um tem duração de aproximadamente 50 minutos. Se fosse necessário enquadrá-lo em algum gênero radiofônico, poderíamos colocá-lo dentro dos informativos como um documentário porque, como define Mcleish, o “objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação sempre se baseando na reportagem honesta e equilibrada¹¹”. **A Vida dos Sons** faz exatamente isso. Utiliza os áudios do século 20 para dar vida às circunstâncias que marcaram a humanidade, em quase todos os continentes. Usa registros sonoros da época para recontar algo que aconteceu. Ao ouvir alguns episódios, verifiquei que se trata de um documentário porque oferece “um relato equilibrado, elaborado e verídico sobre algo ou alguém¹²”.

A Vida dos Sons se caracteriza por apresentar vários assuntos, de um determinado ano, sem se ater a uma personagem ou a um acontecimento. Vai além, destaca os casos políticos, sociais, culturais, econômicos ou de interesse geral como a criação do rádio e a chegada do homem à lua. Intercalado por vinhetas de passagem e a inclusão de algumas trilhas, o programa reconta várias circunstâncias e se torna atrativo e estimula o ouvinte a repensar assuntos que até já conhecia. Ou então, induz o receptor a aprender algo novo porque nunca tinha prestado atenção sobre um determinado acontecimento.

As 68 edições podem ser ouvidas pela internet e quem tiver curiosidade e interesse pode acessar o endereço:

<http://www.rtp.pt/play/p657/a-vida-dos-sons>. Segundo Ana Maria Ramos Aranha¹³, uma das produtoras, **A Vida dos Sons** foi organizada com “total liberdade, abordando todos os temas que nos foi possível, de acordo com as limitações de tempo e tendo em conta os sons existentes¹⁴”. O desafio, explica ela, era destacar as ocorrências mais relevantes de cada ano, levando em conta os sons que a emissora tinha em seu acervo e disponível para completar os 50 minutos de duração.

A produção é realizada por Ana Maria e Iolanda Ferreira, que são autoras, produtoras, tradutoras e sonorizadoras. Uma terceira pessoa baixa alguns sons para o sistema, outro faz a locução e os demais colegas leem as dobragens dos sons estrangeiros.

¹¹ MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001. p. 191

¹² Idem. p. 191

¹³ **Ana Maria Ramos Aranha**, em entrevista por e-mail, respondida em 5 de maio de 2014.

¹⁴ Idem.

Como deduzi, o documentário sempre teve um excelente *feedback* dos ouvintes, tanto no site da Antena 1 como em nível pessoal, “muito além do habitual¹⁵”, salienta a jornalista. Na entrevista que me concedeu, Ana Maria adiantou que em setembro de 2014 a produção do **A Vida dos Sons** será retomada a partir de 1975 para terminar em 1990.

Os relatos sobre alguns momentos marcantes do Brasil

Para este artigo, selecionei apenas quatro dos 68 programas que citam momentos marcantes e políticos do Brasil no século 20. Três deles contêm trechos do período que pesquisei na minha tese de doutorado: 1930, 1937 e 1945. O quarto episódio é referente ao ano de 1964 por causa da sua relevância histórica e porque, em 2014, relembramos esse momento como um dos mais negativos para do país. Foi quando milhares de pessoas foram perseguidas, presas e torturadas pelo regime. O Golpe de Estado que colocou o Brasil na Ditadura durou 21 anos.

Para a análise, foram ouvidos um total de 200 minutos. Somente depois é que eu selecionei os trechos que citavam, principalmente, o Brasil e Portugal. Mas, fiz questão de manter alguns momentos marcantes ocorridos em outros países e de suma importância para a humanidade. Nos escolhidos, se destacam, também, os acontecimentos políticos que repercutiram mundialmente e, por isso, passaram a ser de interesse geral.

1930, o ano em que Getúlio Vargas assume a presidência

O de 1930 destacou que em Portugal o economista António de Oliveira Salazar tomou posse como ministro das Finanças e Econômicas, apoiado pelo presidente da República Óscar Carmona. Salazar era especialista em Ciências Econômicas e Financeiras, formado na Universidade de Coimbra, e caiu nas graças dos portugueses porque tinha como meta cuidar das finanças do país que eram negativas. Salazar, com o apoio total da elite política, econômica e cultural, se manteve no governo por longos 40 anos, considerando que em 1928 ele assumiu a pasta de Finanças, em 1932 a presidência do Conselho de Ministros e em 1933 instalou o Estado Novo, um regime ditatorial nos moldes da Alemanha e da Itália. Em 1968 o então primeiro-ministro sofre um acidente vascular-cerebral, é afastado do governo e morre em 27 de julho de 1970. Em seu lugar assumiu Marcello Caetano.

¹⁵ Op. Cit. **Ana Maria Ramos Aranha**.

Na área política, o Brasil foi notícia com a posse de Getúlio Vargas como presidente da República, que liderou uma revolução para depor Washington Luis, encerrando assim o ciclo da República Velha. A Revolução de 1930 impediu que Júlio Prestes, eleito por 17 governadores e assim sucessor de Washington tomasse posse. **A Vida dos Sons** destaca que Prestes ficou exilado em Portugal por um período e lançou o livro “Um lamento de quem vive no exílio”. Na obra, ele se queixou da situação política brasileira e condenou o golpe liderado por Vargas. Prestes também morou na Inglaterra e só retornou ao Brasil em 1934.

O trecho que reconta esse contexto tem como trilha sonora o Hino Nacional, marcando assim o lugar desse acontecimento. Na sequência, a matéria relatou ainda que Vargas, em 1937, encampou outro golpe de Estado e instalou no país o Estado Novo, também um regime ditatorial, semelhante em alguns aspectos com o regime de Portugal, da Alemanha e da Itália, e que durou até 1945, quando é deposto.

Ao final dessa descrição, é informado que Vargas retornou à presidência em 1951 onde permaneceu até 1954, quando se suicidou, deixando uma carta que terminava assim: “Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo a caminho da eternidade para entrar na história¹⁶”.

Esse episódio recupera, sem dúvida, uma memória histórica e política do Brasil de uma maneira isenta, enriquecida por trechos de entrevistas, como a de Prestes à emissora, em 1930.

1937, quando Olga Benário foi expulsa do Brasil

É aos 35 minutos do programa de 1937 que o Brasil, mais uma vez, está documentado. Dessa vez, a personagem é Olga Benário, uma jovem comunista alemã, de origem judaica, que conheceu, na União Soviética, o líder do Partido Comunista Brasileiro, Luiz Carlos Prestes. E o locutor informa que, em 1936, ambos partiram para o Brasil com os codinomes Maria e Antônio Vilar para organizarem uma mobilização política com o objetivo de trabalhar contra o governo ditatorial de Getúlio Vargas.

O narrador diz que eles casaram e que a missão no Brasil falhou. Os dois são presos com outros companheiros na ação. Olga passou, assim, a ser procurada pelos nazistas porque era um alvo ideal: era judia e comunista. Nesse período, ela estava grávida de sete meses. Apesar disso e do pedido de Habeas Corpus, Vargas entregou Olga à Alemanha. Ela foi extraditada e levada para um campo de concentração, onde a filha Anita Leocádia

¹⁶ CPDOC – <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>, visitado em 17 de julho de 2014, às 15h40.

nasceu em 27 de novembro de 1936, salienta o jornalista. Juridicamente, Olga foi expulsa do Brasil, sem direito a ser julgada pelas autoridades nacionais. No **A Vida dos Sons**, a expulsão de Olga para a Alemanha desencadeou uma situação embaraçosa entre os dois países. Em seguida, o apresentador diz que a mãe e a irmã de Prestes partiram para Alemanha em julho de 1937 para tentarem a libertação de Olga e da filha que já havia nascido. Mas, apenas a garota foi libertada, quando estava com 14 meses. Olga foi assassinada em 23 de abril de 1942, na prisão de Bernburg, numa câmara de gás do campo de concentração. Mais tarde, a filha estudou e se formou no Brasil para depois ser professora de História do Brasil na Universidade Fluminense, no Rio de Janeiro. A matéria inclui um depoimento da avó, mãe de Prestes, sobre a ida delas à Alemanha, onde se encontraram com a Gestapo a fim de pedir a libertação de Olga e Anita.

Neste mesmo ano, outra notícia chamou atenção do mundo inteiro: um acidente nos ares. Em 6 de maio, a chegada do dirigível alemão, conhecido como Zeppelin, explodiu a poucos metros do solo. A tragédia foi acompanhada pelos olhos de um repórter e a descrição sobre o que está vendo é emocionante. O balão Hindenburg, que iria descer na base de Lakehurst, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, trazia 97 pessoas, entre eles, 36 passageiros e 61 tripulantes, foi destruído por um incêndio. Trinta e seis pessoas morreram.

Esta série ainda destaca a morte do inventor do rádio, o italiano Guglielmo Marconi. Segundo o emissor, em 27 de julho de 1937, as emissoras do mundo todo fizeram dois minutos de silêncio em sua homenagem.

1945, ano do término da 2ª Guerra Mundial

A primeira matéria desta edição trata do final da 2ª Guerra Mundial e os primeiros resultados para os Estados Unidos e o Japão. E entre as consequências negativas do conflito, cita a morte de 35 mil pessoas que foram atacadas por bombas alemãs, o holocausto e a tentativa da Alemanha apagar da história a existência, por exemplo, das câmeras de gás.

Também tem uma sonora do presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, no pronunciamento realizado em 4 de fevereiro, na Conferência realizada em Yalta, na Criméia, onde estiveram também o primeiro ministro da Inglaterra, Winston Churchill, e o líder soviético Joseph Stalin. No encontro eles debateram o futuro e o esforço dos países para estabelecer a paz entre os Aliados, a Alemanha e o Japão. Em seguida, o narrador relembra que em 12 de abril a CBS informou que Roosevelt morreu aos 63 anos, vítima de

uma hemorragia cerebral, notícia que surpreendeu os Estados Unidos e o mundo. Ele havia governado o país durante 12 anos e Henry Truman, vice-presidente, assumiu o cargo.

Aos 17 minutos, o assunto é a manifestação dos portugueses, realizada em 17 de maio, para celebrar a vitória dos Aliados e para agradecer a Salazar por Portugal não ter entrado na 2ª Guerra Mundial. A mobilização aconteceu no Terreiro do Paço, um amplo espaço aberto e localizado em região central de Lisboa, e reuniu milhares de pessoas. Nesse mesmo ano, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) passou a se chamar Polícia Internacional de Defesa de Portugal (PIDE), com o intuito de despistar a população a respeito da real função dessa polícia no país, responsável pela censura e repressão. E Portugal, por causa desse regime ditatorial, já contabilizava centenas de presos políticos que eram contra o Estado Novo, instalado por Salazar em 1933.

Aos 21 minutos, **A Vida dos Sons** apresenta um trecho da voz de Salazar, gravada em maio, onde ressaltava a queda de várias ditaduras por causa do fim da 2ª Guerra Mundial e que, por causa dos novos ventos de democracia, realizou algumas mudanças formais no regime. Apesar disso, anuncia o apresentador, alguns setores da oposição acreditaram que o regime português entraria em colapso. Em 1945 Salazar prometeu um ato eleitoral livre, a exemplo da Inglaterra, e afirmou que “somos da opinião que não podemos governar contra a vontade de um sistema do povo”. Logo é fundado o Movimento de Unidade Democrática (MUD), com a autorização de Salazar. No entanto, o novo partido não teve autorização do presidente do Conselho de Ministros para participar das eleições. Entre as propostas do MUD estão a defesa pelas eleições livres e o fim do Estado Novo.

Aos 36 minutos roda a música “Rosa de Hiroshima”, um poema de Vinícius de Moraes, musicado por Gerson Conrad, que ficou famosa na interpretação da banda brasileira Secos e Molhados. A canção se refere à explosão atômica de Hiroshima, que aconteceu no final da 2ª Guerra Mundial.

Sobre a América Latina, o programa relembra, aos 41 minutos, que em outubro, o novo governo eleito e que assume o poder na Argentina foi Juan Péron, dando início ao governo chamado de Peronismo. E no Brasil, o fato relevante foi a deposição de Getúlio Vargas, o homem do Estado Novo, em 29 de outubro. O golpe militar foi liderado por um general que era de sua confiança, Góis Monteiro.

1964, quando o Brasil entrou na Ditadura Militar

A Vida dos Sons de 1964 inicia com uma matéria acompanhada de um trecho da mensagem de Ano Novo do presidente de Portugal, Américo Thomaz (1958-1974). Após um breve balanço, o governante afirmou: “Confio que virão melhores dias para Portugal neste novo ano de 1964”. Neste período, o país já começava a viver uma crise política e econômica por causa da guerra colonial com Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. O governo de Salazar atravessava uma adversidade do qual não conseguirá sair, anuncia o apresentador.

Entre as notícias da África e da Europa, o jornalista salienta que o líder Nelson Mandela foi condenado à prisão na África do Sul e que, em 4 de janeiro, o novo papa, Paulo VI, viaja para alguns países da região árabe, como a Jordânia, visita os lugares sagrados da terra Santa e inaugura a Igreja da Anunciação, na cidade de Nazaré, considerada o maior templo da igreja católica no Oriente Médio. Foi recebido pelos moradores da região com entusiasmo.

O episódio também recorda eventos mundiais importantes como o que em 8 de janeiro, o novo presidente democrata dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, declarou guerra à pobreza e propôs a criação de projetos para a grande sociedade. Foi neste período ainda que os militares americanos ocuparam o canal do Panamá, mataram 20 estudantes quando reprimiram uma manifestação de jovens que desejavam trocar a bandeira americana pela de seu país. O Panamá, em seguida, cortou relações diplomáticas com os Estados Unidos.

Na área musical, **A Vida dos Sons** destaca que em 7 de fevereiro, Os Beatles, que estavam no auge da carreira, chegaram ao aeroporto Kennedy, de Nova Iorque. É a primeira vez que atravessam o Atlântico e visitarão os Estados Unidos. O sucesso do grupo chegou às Américas e cinco canções entraram para a lista das 25 mais tocadas naquele país. Em 2 de julho, foi a vez da banda Rolling Stones desembarcar nos Estados Unidos para fazer a estreia no estado de Massachusetts.

Na sequência, ele relembra que em início de dezembro, o Teatro Nacional Dona Maria II, em Lisboa, pegou fogo e ficou quase que totalmente destruído. A casa de espetáculos tinha sido inaugurada em 1846.

Nesta mesma edição, tem ainda uma entrevista, com o secretário-geral do PCB de Portugal, Álvaro Cunhal, que havia sido concedida à Rádio Praga. O apresentador dessa emissora se dirigiu aos ouvintes de Portugal e do Brasil e o conteúdo se refere à situação política em Portugal. Cunhal salientou que Salazar estava vivendo uma grande crise do qual

não conseguiria sair. E, segundo ele, havia naquele momento um movimento democrático no país a caminho e que os portugueses iriam conquistar a liberdade do seu povo.

Aos 38 minutos, o Brasil é evidenciado assim: “31 de março de 1964, o dia que durou 21 anos. Tropas saídas de Juiz de Fora, comandadas pelo general Mourão Filho, avançam para o Rio de Janeiro. Está nas ruas o golpe militar que vai roubar o governo democrático do presidente João Goulart”. O apresentador completa informando que a tensão vinha aumentando nos últimos tempos por causa das medidas anunciadas pelo governo, como a Reforma Agrária, exigida pela Liga dos Camponeses. A direita brasileira, a igreja e os militares contestavam a atuação política de Jango, porque temiam um governo com um viés leninista-marxista que levaria o Brasil a se converter numa grande União Soviética.

Mas, enfatiza o narrador, o Brasil era importante para os Estados Unidos que acompanhavam tudo o que acontecia no país. Os americanos desconfiavam da administração de Jango. Além disso, havia um desgaste do Jango no Brasil. No Rio de Janeiro, onde viviam 1.200 funcionários americanos e o embaixador americano, Lincoln Gordon, junto com outros políticos e deputados brasileiros, se mobilizaram contra o presidente.

A matéria também apresenta um áudio com Plínio de Arruda Sampaio, que tinha sido candidato e eleito deputado federal em 1962, pelo Partido Democrata Cristão. Ele afirmou que tinha sido procurado por esse cidadão (se referindo ao embaixador americano). Ele estava oferecendo dinheiro para a campanha dele para que defendesse a democracia. A resposta do deputado foi de que ele não precisava de dinheiro para defender a democracia.

Seguindo a narração, o apresentador complementa informando que a CIA organizou uma ação para derrubar o governo democrático, e Gordon e o adido militar Vernon Walters, por meio de uma secreta Operação *Brother Sam*, deram o apoio logístico aos militares golpistas, a fim de evitar o enfrentamento com a resistência por parte de forças leais de Jango. Além disso, completando a história, os Estados Unidos deslocaram uma esquadra de navios para as águas próximas da costa brasileira e ajudaram na escolha do general Castelo Branco como chefe do Golpe Militar. O presidente brasileiro que poderia vencer a derrota não reagiu para evitar o derramamento de sangue.

O novo presidente do país, Castelo Branco, afirmou, na época, que seria um “chefe de estado” e que iria trabalhar para entregar o cargo ao próximo candidato. Em seguida, o narrador ressalta que nesse período foram realizadas 1.300 prisões, torturas e assassinatos.

O jornalista Carlos Guedes, em entrevista, citou o ditado de que devemos amar a Deus ou temer a Deus, e assim, então, “quem não ama a revolução ou a situação que foi imposta, devem temê-la. Porque nós saberemos, se necessário, impô-la”, completou.

Com os militares no poder, Goulart exilou-se primeiro no Uruguai e depois foi para a Argentina. Ao final dessa narração, ele diz: “A Ditadura vai durar 21 anos e os generais criaram dois partidos para estabelecer um simulacro: a Arena (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), a oposição concedida”. A matéria encerra com a canção de Chico Buarque e Gilberto Gil, “Cálice”, composta em 1973 para o show Phono 73, organizado pela gravadora Phonogram. Mas essa música não pode ser cantada no evento porque a letra tinha sido censurada.

Considerações finais

Sem dúvida nenhuma, o programa de memórias **A Vida dos Sons**, denominada como um documentário, de acordo com as características de cada gênero, classificadas por Mcleish, é relevante e de suma importância para lembrarmos, por meio de áudios, canções e o texto narrativo, os acontecimentos mais marcantes do século 20. A produção de 68 episódios, que retrata os anos de 1920 até 1972, mostra como é possível trabalhar com áudios gravados, bem preservados, com a devida identificação, e como são úteis para recontar uma história contemporânea de maneira linear, objetiva e isenta.

Cada episódio, com duração de 50 minutos, de responsabilidade das jornalistas Ana Maria Ramos Aranha e Iolanda Ferreira, destaca os acontecimentos políticos, sociais, culturais, econômicos ou de interesse geral, intercalando a fala, com sonoras gravadas de alguns personagens e algumas músicas que servem de trilha para separar os assuntos, geralmente distribuídos em blocos com informações sobre Portugal, Europa, África e Américas, incluindo os Estados Unidos e o Brasil. Aliás, boa parte dos diferentes episódios cita momentos brasileiros, como o Golpe de Estado que possibilitou Getúlio Vargas assumir a presidência da República, em 1930; a implantação do Estado Novo no Brasil, em 1937; o golpe que tirou o poder de Vargas em 1945; e o Golpe Militar de 1964 que colocou o país na ditadura por 21 anos.

O acervo da RTP, que reúne as entrevistas em áudios das rádios que passaram a integrar o sistema de serviço público, é a maior fonte para alimentar o documentário. O complemento exige muita pesquisa, afirma a produtora Ana Maria. E, segundo ela, a receptividade ao **A Vida dos Sons** foi sempre positiva, com retornos dados à Antena 1

pessoalmente ou pela internet. Comprovando, portanto, que o gênero, infelizmente, pouco usado no Brasil, pode ser um modelo reutilizado, principalmente, pelas emissoras públicas. É claro que não se pode generalizar. Atualmente, existem algumas rádios, como as que pertencem à Empresa Brasil de Comunicação (EBC), produzem bons documentários sobre diferentes temas, sistematicamente.

A frase do escritor português Fernando Pessoa “A Memória é a consciência inserida no tempo”, que ilustra o programa numa vinheta, faz sentido. Esta memória nos leva, automaticamente, a uma das tradicionais marcas do **Repórter Esso**, “testemunha ocular da história”, reafirmando a importância das entrevistas realizadas dentro do seu tempo para depois, se bem preservadas, serem utilizadas para recontar os diferentes momentos vividos pela sociedade moderna. Afinal, o relembrar o passado por meio das ondas sonoras também contribui para educar, informar e despertar a criticidade do ouvinte a respeito de um determinado assunto. Mesmo que alguns sejam condenáveis, como a 2ª Guerra Mundial, é conveniente ser evocado para que o homem não repita o mesmo gesto, a mesma ação no presente e no futuro.

Ofertar um documentário com memórias é permitir também que o cidadão compreenda como os seus antepassados viveram e interpretaram determinados acontecimentos da humanidade.

Referências bibliográficas

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- BARBEIRO, Heródoto.; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BONIXE, Luís. **A auto-regulação no Serviço Público de Rádio Português – o caso do provedor do ouvinte**. Artigo apresentado no GT Rádio e Meios Sonoros do 8º Congresso SOPCOM 2013, em Lisboa (PT).
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história, a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória II – II Memória**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado – história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Entrevista

Ana Maria Ramos Aranha, produtora do programa **a Vida dos Sons**, em entrevista por e-mail, respondida em 5 de maio de 2014.

Sites

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>, visitado em 17 de julho de 2014, às 15h40.

GMCS – Gabinete para os Meios de Comunicação Social - http://www.gmcs.pt/_gmcs2008/index.php?op=cont&cid=78&sid=329, visitado em 16 de maio de 2014, às 15h15.

Programa do I Governo Constitucional –

<http://www.portugal.gov.pt/media/464012/GC01.pdf>

RDP – Rádio Pública

http://www.gmcs.pt/_gmcs2008/index.php?op=cont&cid=78&sid=329, visitado em 16 de maio de 2014, às 15h15

RTP – Antena 1 - <http://www.rtp.pt/antena1/>